

# A Choldra

Semanário republicano de combate e de crítica à vida nacional

Ano I — Num. 10

Preço à Venda  
Quilates: Trinta e NIT

Director — Eduardo de Souza  
Proprietario e Administrador — José Francisco  
Editor — Henrique Jorge Choldra  
Red. e Adm. — R. da Paço das Rainhas, 88, S.º — LISBOA

19 de Maio de 1926

Impressão: Officina  
Rua de Beato, 100

## SÃO COMO BEIJOS DE MÃE...



A polícia educada no **ODIO** por alguns agentes à paisana agride um pobre vendedor d'A **CHOLDRA**. — Triste signoma! Revoltante violencia!

# NÃO PODE SER!

Confessou o sr. Antonio Maria da Silva, em pleno Parlamento, que tinha praticado um acto dictatorial.

Esta confissão da parte de um homem que, ainda ha poucos dias, afirmou a sua triste insensibilidade perante todos os insultos ou acusações, mais amesquinharia o Parlamento do que o proprio governo se, na proxima 2.ª feira, altiva nente, violentamente, nobremente, não surgir o protesto necessario, imperioso e dignificante por banda das oposições.

Um governo como o do sr. Antonio Maria da Silva que se declara reu de dictadura, não pode, não deve — ouçam bem! — não deve mais voltar a sentar-se nos *fauteuils* ministeriais.

Um governo de processos torpes, preparador de insultos, instigador de vaias, provocador de atentados contra parlamentares, não pode merecer, por parte destes, qualquer especie de consideração—consideração politica e consideração pessoal!

A confissão do sr. Silva é grave. Mas os seus actos são piores.

A confissão do dictador merece urgente sanção.

Mas os actos do chefe de governo que, friamente, incita ao crime, exige castigo.

As oposições perderão *toda* a autoridade moral, todo o prestigio, se não applicarem essa sanção e se não applicarem esse castigo!

E esse castigo, exigiu-o o Povo indignado e revoltado contra tanta infamia—tem de ser fortemente sentido pelo sr. Silva. Tão fortemente, que todo o país dê por ele e sinta a sua justiça e efficaçial!

Na proxima 2.ª feira, as oposições não devem consentir que o governo se sente nos seus lugares.

Quando ele surgir no Parlamento, *tudo* deve ser usado para o castigar.

Nada de hesitações! O país está farto! Afirmamo-lo com plena consciencia de que dizemos uma verdade.

A Nação não quiere o que aí está! A Nação não quiere este governo de *titeres*, este governo de *sempre-em pé*, mau grado a revolta que, de norte a sul, contra ele se vem erguendo!

Todas as violencias se justificam. E, enquanto não chega a *Revolução*, as oposições teem um dever a que não podem faltar: o de irem até á desconsideração pessoal se tanto for necessario para que o sr. Silva não continue tripudiando sobre a Republica e sobre a Patria!

Se o não fizerem, mal irá para todos nós!

Façam-no. Riajam porque o Povo já se e tá preparando!

*Ele* sabe que lhe compete dizer a ultima palavra—a palavra galvanisadora, de salvação e de revolta que virá pôr cobro a orgia funambulesca em que estamos vivendo.

Reajam, porque o Povo, atento, vos secundará sem hesitações. Sem hesitações nem tibiezas na hora em que, para salvar e dignificar a Republica, se tornar imperiosa a Suprema Necessidade, o Maior Sacrificio.

# Carta ao Director d'A CHOLDRA sobre as gentilezas dum cabo de esquadra

*Meu caro Eduardo de Sousa*

Foste agredido por um mastim da policia. Felicito-te. Quando todos protestam, eu rejubilo e congratulo me.

Irritar um policia é a maior prova de mocidade que se pode dar. Não precisavas dessa certidão de idade, tu que és novo e tens o sangue na gueltra. Contudo desde que ela veio, aceitêmo-la como um dom providencial.

Dizer a verdade, meu caro Eduardo de Sousa, tem ás vezes desses pequenos precalços. Quando um jornalista, com a tua nobre coragem moral, se permite proferir em voz alta, nas colunas do seu periodico, aquilo que é voz publica, aquilo que a cobardia colectiva obriga a calar ou a murmurar só confidencialmente, soe succeder a esse jornalista encontrar-se desprevendo num café, a conversar placidamente com amigos e entrar um cão de fila, rodeado de podengos, alçar o bengalão symbolico e abrir-lhe, o mais cinicamente possível, uma brecha na cabeça.

Foi o que te succedeu a ti. Foste mordido por um cão policial danado, a pior raça de colegas meus que conheço. Recobeste já o tratamento anti-rábico? E' preciso cuidado que os mastims da policia teem muita peçonha na baba.

Logo que soube teres sido procurado pelo hanel Xavier, acompanhado por uma escolta de capangas, que te foram provocar, gani de satisfação. É que nada alegria mais um cão vadio e desordeiro como eu, do que ver um nédio cão official, mantenedor da ordem, respeitador da Constituição, guarda fiel do sr. Ministro do Interior, perder os pés, porque cabeça não teem eles—e começar a fazer tolices como se fosse uma pessoa.

Se fosses endinheirado, Eduardo de Sousa, terias evitado a agressão. Bastaria abrires a carteira, na ocasião em que o molosso ia a arremeter, e perguntar-lhe; Quanto Xavier? . . . . Quanto? O animal desarmava logo, que eles gostam de morder, mas gostam ainda mais de rroer o seu osso.

Assim, porem, foi melhor. E talvez não desse resultado o estratagema, porque, quanto a mim, o cachorro procurou-te por ordem do dono. Eu não admito que um Xavier, que manda preparar atentados contra os seus chefes, se dê ao luxo de expontanea e pessoalmente correr o risco de apanhar os sócos que justamente lhe applicaste na tromba. O que ele fez, fê-lo no exercicio das suas funções, foi em serviço, foi por ordem superior, foi—como costuma dizer-se—um frete,

Concebe se lá que um javardo daqueles, com a cara estanhada por todas as poucas vergonhas, que é accusado de assassino, de ladrão, de conspirador, em vez de se entregar à prisão como lhe cumpria, ou de pedir a classica e inutil sindicancia aos seus actos como é costume, se permitisse tomar um desforço pessoal por uma presumida ofensa á sua «dignidade»! Então já não ha tribunais?! Os policias que já eram carcascos de criminosos e não criminosos, como no caso dos Olivais, do Domingos Pereira e de outros,—usurpam tambem as funções do Poder Judicial? Parece que usurpam, parece que já não, ha Justiça nesta terra que a corrupção dos bons transformou numa grande esquadra de policia, de que é *chefe*—o Silva.

Temos, portanto, que pedir contas ao Silva da agressão de que foste vitima.

Xavier não foi mais do que o bengalão que executou a vontade do dono. Xavier é o braço do que o Silva, o Sem-Pêra, é a cabeça. Pois ajustamos contas com Silva, êsse frascário, esse quadrilheiro, êsse eZemplar unico de burro atacado de delirio das grandesas.

De caminho, porem, é preciso desinfecar o ambiente. E' preciso despejar algumas latas de agua-raz nas cavernas de venalidade e infamia onde se acoitam os Xavieres, que assaltam batotas e recebem dezenas de contos dos batoteiros, que mandam caçar os legionarios na rua e conspiram com eles e os incita ao crime, que vão em passeatas a Paris, á custa do Estado fazem figuras de urso, que . . . etc, etc.

Só com agua-raz é que aquele antro se poderá purificar, e se succeder, meu amigo, que o Cego atire para lá um fosforo a arder, eu latiroi para que acudam os bombeiros depois—é claro—de deixar passar o tempo preciso para chamuscar as barbas de alguns dos cavalheiros. Isto porque não sou avisador de incendios, sou só.

*O CÃO DO CEGO.*

**Nóbrega Quintal**

**Advogado**

**Processos em todos os tribunals—Recursos  
para o Conselho Colonial**

**RUA DOS BACALHOEIROS, 139, 2.º, D.**

**TELEFONE C. 2547**

**LISBOA**

# HOJE PIOR QUE ONTEM

Quis o acaso que, ao procurar na minha estante um livro de que necessitava, encontrasse um esquecido exemplar das *Cartas Politicas*, de João Chagas. João Chagas é um nome lembrado apenas na restricta camada intelectual da Republica.

O seu espirito claro e lucido, o seu raciocinio penetrante e a sua visão certa e organizada tornaram-no um critico exacto da vida politica do seu tempo—e dos homens da monarchia. A sua pena fixou uma epoca e tentou criar uma outra a que entregou toda a sua vida e todo o seu entusiasmo.

Quería a Republica. Soube defende-la e soube construí-la com a sua pena. As suas cartas, os seus panfletos e os seus artigos, com argumentação lucida e desconcertante—fizeram mais do que as armas.

O libelo acusatorio da monarchia traçou-o João Chagas. Esfrangalhou-a.

Ao encontrar este exemplar esquecido das *Cartas*, sentei-me á minha mesa e despreocupadamente comecei a lê-lo. E' um numero de 1910, publicado poucos meses antes do 5 de Outubro. João Chagas prevê o inevitavel. Já não é necessario ser profeta para garantir *pelos factos* a queda do regime. Traça o quadro. Li a *Carta*, que trata da questão da forma de governo em Portugal—e li-a num obressalto constante. João Chagas marcava o fim da monarchia, expunha a situação portugueza dum regime na agonia—e fazia-o com as mesmas palavras e com os mesmos argumentos que nós gritamos hoje, em face da situação actual do paiz...

A historia repete-se. Nós, os republicanos, estamos de novo, como João Chagas, a prevê a Revolução. Ha quem sorria, quem julgue apenas ingenuamente que se trata de méros pronunciamentos, de arruaças episodicas com quatro peças de artilharia e meia duzia de sargentos. Não, o caso não se liquida assim. Para esta revolução já não se conspira. Escusa a policia de farejar apressada e activa. Não ha conspirações nas alforjas, nem santos nem senhas macabros. A revolução faz-se por si.

—Quem a dirige?

—Toda a gente.

O actual sistema politico de compadrio e de clientelas faliu por completo—está isolado da nação.

O povo abandonou-o. Em Portugal hoje ha alguns milhões de descontentes e uma centena de homens que se governam. Foi isto que gerou a Revolução...

fiados na policia e na guarda. O actual regime não é uma instituição moral—é um acampamento de ciganos, protegido pela tropa. Pode isto aguentar-se muito tempo? Meses, semanas, dias? Os politicos da monarchia tinham tambem todas as suas esperanças na guarda municipal. Vivia-se como agora. Ninguém, no paço, no governo e nos partidos—acreditava a serio na Republica. Os maus politicos de ontem, como os de hoje—não se convenciam de que brincavam sobre um vulcão...

Todos os regimes que não têm uma verídica existencia bem firmada no povo acabam sempre por desaparecer tragicamente.

O actual sistema politico está nos ultimos arancos. Morre. A sua morte é inevitavel. Nós estamos precisamente como estávamos ha 16 anos. E ha 16 anos, o 5 de Outubro foi uma necessidade nacional.

Para o provar, vou transcrever desta *carta Politica* de João Chagas, algumas sangrentas verdades que com leves modificações são o tragico quadro da actual vida portugueza. O leitor republicano lê e sentirá um arripio de sofrimento. O que o João Chagas dizia da monarchia temos nós de o repetir hoje de novo com a mais flagrante actualidade.

—Teremos então de criar outra vez a Republica?

—Inevitavelmente.

Ouçamos João Chagas, em Maio de 1910.

—O povo pede uma politica nova de sinceridade.

Respondem-lhe com as mentiras desacreditadas das velhas ficções.

O povo pede lialdade.

Respondem-lhe com a má-fé.

O povo pede moralidade, rectidão, escrupulo.

Respondem-lhe com a corrupção.

O povo pede liberdade.

Respondem-lhe com a reacção.

O direito do voto continua sendo uma burla e o parlamento uma falsificação; a administração publica continua sendo um pretexto para a rapina dos politicos de officio.

Dá-se á policia civil um papel politico e na mão de cada agente mete-se um revolver. Aqui está como a nova monarchia se integrou nas correntes dominantes da opinião.

E mais adiante:—Quem governa?

Toda a gente e ninguém.

No paço o desvario e todos dão ordens. Os governos, sem apoio nos partidos que se desagregaram, e sem apoio na opinião que os odeia,

Só os politicos continuam indiferentes, con-

# Cronicas internacionais

A situação na China.—O arremêdo republicano alemão.—Nova luta em Marrocos.—O processo dos falsificadores na Hungria —Crises políticas na Europa.—A proxima reunião da Sociedade das Nações.

Tem-se dito que o movimento de emancipação democratica na China havia sido completamente esmagado nenhuma outra esperança existindo que a sujeição aos generaes reaccionarios ao serviço dos imperialismos ingles e japonês que actualmente estão senhores de Pekim.

A situação é bem diversa.

Em primeiro, Tchang Tro-hing e Wu-Pei-Fou, os dois generaes reaccionarios, inimigos irreconcillaveis, não são capazes de entender-se para a constituição dum governo central e cada logar de influencia é disputado asperamente pelos dois pretendentes a dominadores da China. Depois, á medida que os dois generaes avançam sobre Pekim, na sua retaguarda rebentam revoluções populares. Os tres exercitos populares retiraram par o interior da China, para magnificas posções estrategicas mas não foram de modo algum desbaratados e é de prever que dentro em pouco voltem a entrar em scena.

Quanto á situação em Cantão, que é o centro e a base de todo o movimento libertador, ela melhorou consideravelmente com a adesão das duas provincias vizinhas, o Honan e Kiang-Sú.

E' indubitavel que o movimento democratico popular na China criou raizes e que todas as tentativas de repressão reaccionaria esbarrarão contra a vontade popular.

Por um decreto assinado por Hindemburgo, o presidente da Republica alemã, a Alemanha passou a usar a sua antiga bandeira com as cores imperiais. A Alemanha é, não ha duvida, a maior mentira republicana que a derrota militar inventou. Nada se modificou ali no sentido republicano, nem os homens, nem os costumes. Que dizer dessa Republica que tem como seu chefe supremo o homem da confiança do Kaiser e que não aceitou chefiar a Republica senão com a sua autorisação?

As negociações para a paz marroquina frustraram-se. As lutas sangrentas nas diversas frentes de batalha renovaram-se. Culpa de quem? Pelas declarações que

passam e repassam pelo poder, como num animatografo. O sentimento de que o fim de tudo se aproxima leva os cortezaões da corte e os parasitas do Estado, ás resoluções mais insensatas. Invoca-se a solidariedade de principios mortos e juntam-se, fazem associações, fazem ligas para resistir.

A monarchia não é já a forma de governo: é uma jangada a abarrotar de naufragos que se seguram uns aos outros e pedem a Deus que os salve.

E a fechar:— a monarchia já não pode opôr maior resistencia ás reclamações do povo. Ao que resiste agora é á cadeia.

Assim falava João Chagas em Maio de 1910.

lêmos nos jornais franceses, da parte do presidente da delegação francesa, vê-se que não é á França que cabe a responsabilidade da renovação da guerra contra um povo que conquistou por enormes sacrificios o direito de viver livre. Primo de Rivera dificultou quanto pode as tentativas de paz. E' que aos ditadores, por razões de politica interna, é necessaria a guerra no exterior. Asneira. Toda a historia prova que nunca este processo conseguiu evitar a queda dos governos despoticos. Veja-se Napoleão. E Napoleão tinha o genio que escassela por completo ao tiraneta espanhol.

Começou em Budapeste o julgamento dos falsificadores das notas de mil francos, plano tenebroso da reacção internacional, movido contra a França dos Direitos do Homem e do Cidadão. Como réus deste processo, que constitue a mais formidavel burla dos ultimos tempos, figuram um ex-ministro Nadossy e um principe Windsgraetz. São vinte e quatro os acusados tudo gente graúda ao serviço do reaccionario governo hungaro. E' positivo que serão condenados a penas leves. Onde não floresce a democracia, nunca a justiça foi uma verdade.

A Europa debate-se numa agitação perpetua. Temos crise politica na Polonia, na Belgica, na Holanda e em vesperas de estalar na Alemanha. Reflexos dessa profunda crise economica que a guerra começou ha doze anos a semear e que se não sabe quando terá o seu termo.

Está convocada para, setembro a nova reunião do Conselho Geral da Sociedade das Nações. Trata-se da ampliação do Conselho a que são concorrentes a Polonia, a Espanha e o Brasil. A esta questão está ligada a admissão da Alemanha áquele organismo internacional. Como se sabe a ultima tentativa neste sentido fracassou lamentavelmente. Se um novo cheque se dá na proxima reunião, a S. D. N. sofre imenso no seu prestigio e é possivel que vejamos o desfazer do melhor esforço democratico no sentido da paz.

O regime desagregava-se, apodrecia, esfacelava-se.

Prevôr a derrocada era pois facil. O que veio depois? Veiu a 5 de Outubro inevitavelmente. O que João Chagas dizia, as suas verdades ferro-em-braza, são as verdades de hoje— Que quer isto dizer? Dolorosamente o confessamos: A Republica ainda não se fez.

Porque transcrevemos este trecho flagrante das *Cartas Politicas*? Para comprovar face ao passado a indispensavel verdade das nossas afirmações. Hoje estamos piores do que ontem.

Só nos resta uma pergunta:

—Quando faremos nós o nosso caso 5 de Outubro?

C. de G.

# A HISTORIA DUMA BOMBA ABANDONADA

Conto inédito de Eduardo Frias

Finalmente consegui reconstituir toda a tragica odessela daquela alma... Porque ele tinha uma alma encerrada num corpo de analfabeto. Era um temperamento, uma destas sensibilidades virgens que só admite por instinto, a intensidade da vida, quando essa vida se oferece a um grande ideal, a um influxo poderoso de simpatia humana, a um conceito grandioso da vida colectiva.

A tudo isto que ele não sabia traduzir em palavras expremia-o, com um vigor irresistivel, com o seu olhar fulgurante, com o seu entusiasmo juvenil, quando a proposito de tudo, saltando sobre todas as circumstancias ele pronunciava.

—«A minha querida Republica»...

Resumia nesta simples frase, toda a ternura, toda a esperanza, numa transformação profunda da vida social toda uma moralisação de tal modo aliciante, que a vida fosse mais justa, mais plena de ideal.

Este pobre analfabeto, chegava a exclamar, no amago da sua esperanza, ao vesionar, aquilo a que chamava a «sua querida Republica»:

—As crianças teriam fatinhos. Haveria mais cuidado com os que mourejam, os homens, em tantas escolas abertas em todo o país, não seriam umas tão grandes bestas, como eu... Ah!... que se um dia vier a Republica...

E a Republica, que ele tão ardentemente desejava, passava a ser um facto... Ele foi um dos miseraveis que guardou os bancos. Foi ele tambem que ajudou com o seu entusiasmo, á confraternizaçao... dos soldados com o povo no Rossio...

Não manchou as mãos em sangue.

Lutou pela palavra. Fez do seu entusiasmo uma inconsciente arma de combate.

Arrebatava. Sabia insuflar toda a força de uma idea vigorosamente sentida a uma multidão, aquela multidão que se transforma em vaga, avalanche e que tudo destroee, tudo arrebatava...

—O' rapazes... Não façam fogo... E' uma grande asneira... Os soldados estão sem comer. Vamos arranjar comida para eles... Viva a Republica!

Eh... Somos todos filhos do povo! Não ha inimigos... E' rapazes para a frente!

E provocava lagrimas, abraços, alcançava enfim o derramamento da corrente de simpatia humana que é a razão mais forte da difusão de um grande ideal.

E esse grande ideal, tomava para ele esta forma, concretisava-se neste grito.

—Viva a Republica!...

Delirante entrou na Praça da Figueira, supondo de encontrar vendedeiras de flores, sem se lembrar que ainda havia poucas horas, o canhão alarmava os representantes das potencias estrangeiras... Não queria saber de mais nada. A «sua querida republica», era um facto.

O povo percorria as ruas, confraternizando com a tropa. Era preciso arranjar flores.

E foi a sua unica tristeza nesse dia da implantação do nosso regimen...

Não encontrava flores. Que dia tão bonito...

Quando encontrava um amigo, beijava-o e voltava a exclamar.

—Que dia tão bonito...

Tornou-se concentrado, azedo, modos misteriosos... As vezes abria-se numa expressão de desprezo e de odio.

—Mas a Republica é isto... Diga lá se é?...

Então foi para isto que...

Calava-se, de subito, e acabava por se faltar, enojado, descontente possuido de uma colera surda, fria...

Os outros ouviam-se, formando a alcaiteia de traficantes que acabaram por empenhar as reliquias da grande revolução tão miseravelmente frustrada.

Os que ficaram de fora, conspiravam, e como falassem de novo, no ideal da Republica querida, ele voltava a sonhar, oferecia toda a sua energia, todo o seu entusiasmo, á formação do movimento revolucionario depurador.

—E vencerem-os, será desta vez que a «nossa querida Republica»...

—Mas qual? O movimento triunfava, os conspiradores transigiam, pactuavam com a ambição do mando, do luxo, e tudo se afundava em lama...

Aquilo que ele acalentava com tanta veemencia, com tanta ternura, com tão grande ideal, acabava assim!

Em trama...

—Mas então não haverá uma revolução que limpe isto, de vez?...

Todos eles diziam que sim, e durante quinze anos, ele foi enganado, foi cruelmente espezinhado nas suas convicções.

Concentrou-se mais, tornou-se mais azedo, nada valia a pena... Já não havia mais nada a fazer, e como a sua querida Republica fosse para ele a sua propria vida, uma noite resolveu acabar consigo, acabando de vez com a sua miseravel condição de enganado e de espezinhado.

Ah! Mas não iria assim. Não se suicidaria estupidamente. Havia de fazer alguma coisa que desse brado, que fosse uma terrivel lição de desespero alguma coisa que impusesse o despertar...

Aguardaria uma nova revolução. Deixar-se-hia de novo enganar. Seria a ultima vez. Então...

Daria uma forma pratica ao seu plano...

Ninguem ficou sabendo em que consistia esse programa de desafronta.

Ele permanece obscuro, de pé, aguardando a hora da sua realização. Aquele que o pensou, deixou-o frustrar.

Hoje é um pobre alucinado, um inutilizado por uma forte comoção cerebral. Proximo dele, rebentou uma

## A odisseia da ditadura militar

Do jornal *O Popular* n.º 57 de 27 de Abril findo, reproduzimos:

### Em Viana do Castelo

«VIANA DO CASTELO, 14—Sendo certo que Sua Ex.<sup>a</sup> o sr. Ministro da Guerra tem conhecimento dos manejos conspiratorios de alguns officiaes da guarnição militar desta cidade, sabendo o nome dos agentes de ligação por informações fidedignas prestadas áquele illustre titular, porque anda ainda livremente na sua acção nefasta o sr. capitão Presa.

O sr. Presa bem sabe que sobre elle recai a accusação de conspirador para o tal movimento da Cruzada, e ri-se daqueles que querem defender a Republica, e ás escancarar anda na tarefa do aliciamento. Com franqueza, isto é revoltante, porque «os republicanos» sentem-se vexados perante tanta audácia e vêem que a este official não é applicado o correctivo que o seu acto merece.

Até já chegou o descaro de, no regimento de infantaria n.º 3, um tal 1.º sargento miliciano Pires, aliciar camaradas. e em Artilharia 5, o sargento ajudante Silva monarchico ou sidonista, fazer o mesmo. E os republicanos que vêem neste movimento — «uma ponte de passagem para a monarchia» — porque, realmente, os chefes e intermediarios desse movimento são figuras de destaque na «traulitânia» e no «sidonismo», tem o direito de se defenderem.

Ora Sua Ex.<sup>a</sup>, o sr. Ministro da Guerra, deve olhar para este caso com mais interesse do que olha. E não é só aqui em Viana. E' em Braga, a séde principal, e em Vila Rial, Barcelos, etc.

Não será ainda tempo de acabar com a illusão a estes benemeritos? Continuaremos.—C.»

bomba, um destes petardos tantas vezes abandonado junto ás valetas...

«O pobre homem ia a passar quando a bomba explodiu, depois disso ficou idiota...»

Toda a gente supõe resumir nestas planos a sua historia e passou adiante... Ninguem quer ouvir o pobre louco...

—A minha querida republica!... Estava um dia tão bonito. Quando será o dia, quando?... Que vergonha!... Que vergonha.

Ninguem quer ouvir este pobre louco. Tudo passa adiante, e assim, ninguem ouviu estas palavras que resumem toda a historia daquella grande aim.

—Se a bomba que eu levava, me não rebenta no caminho ao lropear...

N. R.—Eduardo Frias é um artista buscando almas na massa anonima que se agita perto de nós sofrendo e lutando. O visionario heroico que nos apresenta neste conto creou-o ele mas não surgiu ainda.

Contudo, acautelem-se os que veem traindo a Republica: da mão de algum visionario pode não caír a bomba vingadora antes do gesto justiceiro...

O personagem do nosso conto ainda não surgiu mas pode aparecer, tomar corpo e transformar-se em realidade. Almas desesperadas como a que criou Eduardo Frias, ha por ahí algumas...

## O Hospital de Bomfim no Porto

Temos recebido inumeras cartas de aplauso ao nos o artigo revelador da tristesa e miseria que impera no Hospital de Bomfim do Porto.

Reproduzimos hoje a carta que foi dirigida ao «Primeiro de Janeiro», ha tempos, e que este não publicou:

«Ex.<sup>mo</sup> Snr. Redactor de «O Primeiro de Janeiro»—O conceituado jornal que V. Ex.<sup>a</sup> redige e de que sou assinante, insére, no seu numero de 26 de Fevereiro, uma local referente ao Hospital Joaquim Urbano, chamando-lhe *hospital modêlo* e em que se diz que os que tem opinião contraria não a fundamentam em elemento de informação colhidos directamente *sur place* praticando assim um erro e sendo profundamente injustos com o Hospital». Estive 3 mezes internado no Hospital Joaquim Urbano, submetendo-me ao tratamento pela «Sanocrisina» e posso portanto dar a V. Ex.<sup>a</sup> informações colhidas *sur place*. E se as informações que forneço a V. Ex.<sup>a</sup> não são de molde a aplaudir o que se passa a dentro do Hospital e sua direcção (?), não o faço por comprazer em amesquinhar quem quer que seja, mas pela necessidade dum desabafo e de repôr as coisas no seu logar.

Ne local em referencia de «O Primeiro de Janeiro» fala-se em «rigoroso isolamento». Pois, Snr. Redactor, no Hospital Joaquim Urbano são metidos na mesma enfermaria tuberculosos, pneumonicos, tíficos, variolosos, leprosos, etc. etc.; all não ha aparelhos para fazer a desinfecção das louças (e se os tem é «para inglez vêr», como dizem, pilhereando, os empregados) sendo tôda lavada em uma bacia e disposta no logar competente donde hade saír, sem mais nada, para servir indistintamente leprosos, tuberculosos, tíficos, variolosos...! Cada pavilhão tem apenas uma banheira, sem aparelho de desinfecção; nela são banhados—quando o são—os tíficos, os piolhosos, os leprosos... Sem exagêro, Snr. Redactor, afirmo, e posso fazer-lo com o testemunho de todos os meus companheiros de infortunio que all estiveram internados, que no Hospital Joaquim Urbano, o doente vê no Director, e em certos empregados feitos á sua imagem e semelhança, um carasco frio e impassivel ás suas supplicas e ás suas dôres chegando a ponto de o doente «proferir morrer em sua casa a viver ali», na frase, já conhecida de muita gente do infeliz Tavares Bastos.

Fui no Hospital Joaquim Urbano pensionista da 1.<sup>a</sup> classe pagando, alem da pensão, mais 20\$000 diarios por «serviços clinicos» que me foram prestados gratuitamente pelos meus assistentes Drs. Gumerindo Soares e Antonio de Araujo. Quem embolsou os 20\$000?

Deixo ao publico os comentarios e calo por agora muitos mais «elementos de informação colhidos directamente *sur place*», para não tomar muito espaço a «O Primeiro de Janeiro», que estou certo não negará guarida a quem aponta um mal que urge corrigir.

Esperando a inserção desta minha carta no primeiro numero a saír desse jornal, subscrevo-me com elevada estima e consideração.

De V. Ex.<sup>a</sup>

a) Artur Mendes do Vale

N. R. o Hospital Joaquim Urbano é o Hospital do Bomfim conhecido no povo por «Guelas de Pau»

# José Francisco Xavier

Chefe da 4.<sup>a</sup> Secção da Policia de Investigação Criminal de Lisboa

Novas acusações — Um conselho ao sr. Ferreira do Amaral  
Uma declaração do director d'A CHOLDRA

Dissemos que o operario sr. Armando Martins se responsabilizava pela primeira accusação publicada no numero de 20 de Março. Declaramos hoje que, até se provar que as accusações não teem fundamento, em absoluto, nos solidarizamos com ele.

Se no tribunal, e só no tribunal que não na policia, se provar que as accusações carecem de rasão, seremos nós os primeiros a, honrada e lealmente, aqui afirmar que tal se deu e repudiari qualquer solidariedade com o nosso informador.

Estamos convencidos que tal se não dará e que, não obstante o chefe Xavier se andar gabando, não sabemos com que fim, de ter por sua testemunha de defesa o honrado embora desorientado e desorientador comandante da policia, se fará prova do que afirmámos.

Armando Martins declarou perante testemunhas idoneas, no dia 7 do corrente, que não só confirmava a nossa informação como tambem lhe juntava o seguinte:

—O chefe Xavier deu fuga aos chamados legionarios vermelhos que se evadiram do Governo Civil com senhas falsas.

—O chefe Xavier pediu-lhe em tempos duas bombas que declarou destinar aos gabinetes dos srs. drs. Crispiano da Fonseca e Ferreira do Amaral.

—O chefe Xavier, num roubo de fazendas, com ou se com as partes, de ambas recebendo dinheiro.

—O chefe Xavier, quando foi da fusão dos nacionalistas com os presidencialistas, esteve no largo do Chiado distribuindo bombas para lançar sobre aqueles elementos.

—O chefe Xavier pediu bombas a mais elementos operarios além de Armando Martins.

—O chefe Xavier—repete—foi o agente provocador do atentado a Ferreira do Amaral

Agora alguma cousa da nossa lavra; Porque não tem o sr. Ferreira do Amaral uma demorada conversa com o chefe Eduardo Tavares?

Ele, por certo, lhe poderia fornecer interessantes informações que possui acerca daquele seu colega e das quais se fez eco algures.

Essas informações talvez fizessem pensar um pouco o comandante da policia.

Dizem nos, nós não o afirmamos porque, por agora, não indagamos: o passado do chefe Xavier era sufficiente rasão para ele *nunca* ter occupado qualquer lugar de direcção na policia.

—Sr. dr. Teixeira Direito. V. Ex.<sup>a</sup> que uma destas noites, no *Italla*, tão de acordo se mostrou connosco na opinião que temos de alguns dos seus policias, a ponto de afirmar que *aquilo* só melhoraria com uma *limpesa* geral, porque não procura averiguar? Porque se mostra tão fraco?

O que, para nós, foi agressão, limitou-se para alguns outros jornalistas a simples ameaças.

Foi ameaçado em cartas anonimas o sr. dr. Joaquim Manso, illustre director do *Diario de Lisboa*.

Foi ameaçado pelo mesmo processo o nosso querido colega Manuel Nunes que, naquele jornal, trabalha.

Foi ameaçado o brilhante jornalista Aprigio Mafra.

Quantos outros o não teriam sido?

Então, sr. ministro do Interior, que caminho terá de levar esta nova Legião que tem quartel no Governo Civil e faz recair o odioso sobre uma corporação onde tantos homens de bem existem?

Que faz o governo? O que faz o sr. Silva?

Ou teremos de andar em Lisboa de pistola aperrada contra a policia como contra bandidos calabreses em terreno conquistado!?

O agente Reis e Sousa apresentou uma queixa com graves accusações ao chefe «Estrela». Indicou testemunhas. Caso estranho: contra tudo quanto é normal, ao acusado foram fornecidos os nomes das testemunhas! O chefe Xavier procura agora evitar a eficacia de tais depoimentos. A uns, como Artur Inacio, procura-os e consegue intimidar-los a tal ponto que este está disposto a nada dizer mau grado muito saber; a outros como o director d'A *Choldra*, agride para mais tarde, no tribunal, lhe desvalorizar as declarações dando-o como seu inimigo pessoal!

Augusto Gomes não seria mais perfeito!



\*

No Parlamento, pelas vozes de Pina de Moraes Medeiros Franco e Julio Ribeiro, surgiram protestos indignados contra o que se está passando.

Por nós agradecemos esses protestos pela solidariedade valiosa que representa e registamos pelo espirito de justiça que traduzem.

\*

Alguns colegas nossos pensaram num almoço de homenagem ao director deste semanario. Agradecemos.

Propomos, porem, que ele se transforme em almoço de solidariedade jornalística de onde parta uma acção conjunta de protesto contra a arbitrariedade policial.

Isto, emquanto o Sindicato dos Profissionais de Imprensa não agir como lhe compete, e vai fazer.

\*

Quem quererá e poderá responder a estas perguntas :

Qual a verdadeira razão porque nunca se prendeu o conductor do automovel que derrubou ha tempos um quiosque da Praça dos Restauradores ?

Que relações existem entre o chefe Xavier o gatuno Martins «o Brasileiro» e sua amante?

Qual seria o facto estranho e vergonhoso para a Policia, passado com um tal sr. Cardim gerente do Maxim's?

O que teriam narrado ao sr. Ferreira do Amaral a mãe e amante do *Avante* a proposito do chefe Xavier ?

\*

*Por nós, uma seria declaração queremos fazer :*

*Temos recebido varias ameaças, tem-nos trasido dedicados amigos graves prevenções — estamos prevenidos!*

*Mas, daqui, afirmamos que, de tudo o que nos succeder de grave, só ao chefe José Francisco Xavier deverá ser pedida responsabilidade!*

*Dêle ou de seus amigos, ou mandatarios poderá partir qualquer aggressão!*

*Não temos outros odios nem outros inimigos que de tal sejam capazes!*

*Se nos assassinaem ou tentarem assassinar, só na policia devem ser procurados os criminosos!*

*Fique isto assente.*

## A Liberdade religiosa

*A liberdade religiosa ou liberdade de cultos é uma das formas da liberdade de reunião. Representa uma das maiores conquistas dos tempos modernos, mas precisa ainda consolidada. A religião dirige-se aos mais intimos sentimentos do ser humano: corresponde á irresistivel necessidade que muitas criaturas ainda sentem de elevar a alma até á origem de todo o bem, e nessa fonte haurir energia e consolação para a vida presente, e uma animadora esperança para a vida futura. O que acima dissemos sobre a liberdade de pensamento em geral, tem inteira applicação á liberdade de crenças religiosas: não ha nada mais sagrado.*

Mas desgraçadamente, a religião tem servido de pretexto, bastas vezes, a intoleraveis actos de opressão. Tem sido frequente deixarem-se dominar pela paixão os que a ensinam, querendo impôr o exercicio de um determinado culto aos que não commungam nas suas crenças. E frequente tem sido tambem, nos adversarios de tal ou tal doutrina religiosa, perseguirem os sectarios d'esta por todos os meios ao seu alcance. Até na época actual, e em países que passam por liberaes, inclusivé na Suissa, se tem dado scenas de selvajaria que envergonham a civilização moderna.

O fanatismo e a intolerancia são por igual dignos de condemnação. O fanatismo religioso é causa de inumeros males: perturba os espiritos, divide as familias, conduz a actos de espoliação, provoca perseguições e guerras, de todas as mais terriveis. É muitissimo raro que uma associação religiosa se não lance na propaganda das suas doutrinas; o que aliás seria justo se o meio por ella empregado fosse exclusivamente o da persuasão. Todos os outros meios, porém, como a astucia, a corrupção, a perfidia, o emprego da violencia, são absolutamente de condenar.

Da mesma forma, a intolerancia religiosa produz em relação á paz e á prosperidade do Estado as mais funestas consequencias; — e é particularmente odiosa, sempre que se exerce em nome de uma pretensa liberdade de pensamento, contra os partidarios de determinadas crenças religiosas. A bem dizer, a nação tem direito a exigir de todos os cidadãos; seja qual o culto que professem, o cumprimento dos deveres que a todos impõe; ninguém pôde, por exemplo, a pretexto de convicções religiosas, subtrair-se ao serviço militar, recusar-se ao pagamento de impostos ou desobedecer ás leis. Mas desde que um cidadão cumpre todos os seus deveres para com o Estado, tal cidadão tem de ser inteiramente senhor de seguir a religião que lhe aprouver, ou de não professar religião alguma. D'outro modo, as consciencias revoltam-se, e uma grave desordem se produz na vida da nação.

O exercicio dos cultos apenas deve sofrer as restricções exigidas pela moral e pela ordem publica. E' de proibir, por exemplo, o exercicio do culto mormon, cujos sectarios praticam a poligamia; como de proibir são tambem as ceremonias ao ar livre, e ainda as manifestações ruidosas, se d'elas resultam inconvenientes.

Mas tirante estas restricções, é preciso que o governo de um povo civilisado vele pelo respeito devido aos diferentes cultos, como igualmente deve velar por que nenhum d'estes invada os direitos da nação ou dos cidadãos. O governo tem de assumir, no meio de todos os cultos, uma attitude neutra, e de ser benevoló para com todos; não tem que perfilhar interesses ou questões d'esta ou d'aquella Igreja, para não ofender os sentimentos dos sectarios de outras Igrejas. Nações ha que não reconhecem senão um culto, e obrigam todos os cidadãos a professá-lo; mas tais nações não comprehendem ainda a verdadeira liberdade, uma vez que não respeitam a da consciencia individual. Ao invés, as nações mais adiantadas e mais prósperas são as que melhormente garantem e praticam a liberdade religiosa.

TRINDADE COELHO.

(Do Manual Político do Cidadão Português).

# Os misterios da Santissima Trindade

## Política, Imprensa e Forças Vivas

Mandem-se para a cadeia os ladrões da Nação!

As perguntas que vimos fazendo e repetindo em numeros successivos, tiveram a sua utilidade. Algumas delas já saíram, acompanhadas do desenrolar de um triste sudario de factos e numeros, da boca de alguns parlamentares.

Os jornais, entre eles o *Mundo* e a *Tarde*, alguma cousa já responderam. O primeiro, até já *esboçou* a campanha contra o escandalo das reparações.

«Porque se não diz ao país tudo o que ha de imoral no caso das reparações?»

Diga-se! Diga-o o *Mundo* que, sabemos-lo, elementos de sobra possui para o poder dizer.

Está-se, porem, no Parlamento e a proposito da attitude do governo, pedindo, com justificada energia, responsabilidades criminais.

Porque se não aprova, como um dever, como uma medida necessaria, moralisadora, de defesa dos dinheiros publicos, qualquer moção no sentido de se fazer um immediato e urgente inquerito às escritas da Companhia dos Tabacos?

Nunca daqui apelamos para qualquer grupo parlamentar.

Não o fazemos hoje. Mas afirmamos ao Grupo Parlamentar da Esquerda Democratica o seu *dever* de tal questão levantar com energia, lado a lado com a discussão do novo regime a adoptar!

Sabemos bem que a este Grupo não é indifferente a questão.

Queremos, porem, dar-lhe o realce necessario.

A Companhia dos Tabacos vem sendo acusada de ter *roubado* ao Estado alguns milhares de escudos. Essas acusações, feitas no Parlamento, foram justificadas com factos e numeros.

Nada pois explicaria que o Parlamento não ordenasse um inquerito.

Tal resolução deve partir das oposições esquerdistas!

Não ha que hesitar, nem rasão para demoras.

Faça-se um inquerito! Levem-se ao tribunal os defraudadores do Estado!

Mas, já que de responsabilidades criminaes falamos, natural é o repetir a pergunta já por nós feita:

«Quando se realiza a interpelação Alvaro de Castro a proposito das 400 mil libras?»

Quando se manda para o tribunal os respon-

sáveis do roubo de 470 mil libras feito á Nação?

Não tem este facto importancia de maior?

Não será ele motivo para cadeia!?

Terminamos agora por mais quatro perguntas:

O que se passa ou vai passar no tribunal arbitral de Haia?

O que ha e que criterio temos acerca da delimitação de fronteiras no sul de Angola?

Que trabalhos e que orientação está sendo dada á preparação do convenio com a Africa do Sul?

Que estranho silencio se está fazendo em torno das acusações formuladas pelo sr. dr. Amancio d'Alpoim contra o Banco de Portugal que d'elas não falam nem o deputado socialista, nem a Comissão de Contas da Camara?

**Quem responde!?!?**

**Quem responde!?!?**

HONTEM E HOJE

O 14 DE MAIO

A ditadura governamental

Ontem passou mais um ano sobre o movimento anti-dictatorial de 14 de Maio. Tornase desnecessario dizero que ele foi de esperança e o que ele se transformou em desilusão.

Era fatal. O sr. Antonio Maria da Silva, ontem como hoje, deveria traír a vontade popular.

Depois de 14 de Maio, não se castigou a traição. Hoje ela não poderá ficar impune.

Ergueram-se os republicanos, então, contra Pimenta de Castro, o dictador militar.

Quem se erguerá agora contra o dictador... á paisana?...

# Os caminhos de ferro do Estado

Dê-se-lhes uma inteira autonomia administrativa e eles progredirão

Ha muito que os ferroviarios reclamam, não já melhoria de situação alem da que as suas organizações lhes conferem, mas ao menos que lhes mantenham essas.

Muito se tem falado, ultimamente, nos Caminhos de Ferro do Estado, talvez por se encontrar no Parlamento em discussão a questão dos tabacos, que as oposições desejam seja resolvida contra a maneira de ver do governo, isto é, contra a *regie*. Por mim confesso que todos os que se servem dos Caminhos de Ferro do Estado para justifiarem a má administração do Estado, estão deslocando a questão. Não ha, nem pode haver paridade possivel, entre uma coisa e outra. Os Caminhos de Ferro do Estado não tem lugares politicos, salvo na Administração Geral nos ultimos tempos e, se lhes concederem absoluta autonomia administrativa não têmham receio porque os Caminhos de Ferro do Estado bastam-se a si tecnica e administrativamente.

A proposito, lembrarei uma passagem da entrevista de ha dias do sr. Administrador Geral em que os seus pontos de vista se encontram com os nossos.

Quero referir-me á capacidade capitalista da empresa que se propuzesse tomar conta dos Caminhos de Ferro do Estado cujo material fixo e circulante vale muitos milhões de libras. Se houvesse uma empresa capaz de reunir capitais tão avultados, permita-se-me dizer que não faltam em Portugal importantes trabalhos a realizar com immediatos beneficios para o país. A electrificação das redes ferroviarias pelo aproveitamento das quedas de agua, por exemplo, seria mais importante e proveitosa á Nação do que a

alienação dos Caminhos de Ferro do Estado a uma empresa particular. Os Caminhos de Ferro do Estado não são nenhuma maravilha, bem o sabemos, mas são alguma coisa que disputa appetites dos ambiciosos. E já que falamos dos serviços ferroviarios, afirmo com orgulho de professional ferroviario que em nenhum Caminho de ferro do Mundo é possivel fazer-se mais e melhor do que se faz, por exemplo, na estação de Campanhã e Porto de S. Bento. Entre as duas estações, a circulação de comboios faz-se com tamanha perfeição. Apesar do seu numero ultrapassar ás vezes o de cem circulações em cada 24 horas em via unica, nenhum desastre de vulto se tem registado. Pois, todo esse serviço é feito, absolutamente, por processos antiquados, onde só a muita atenção e competencia do pessoal conseguem isso que eu considero um prodigio.

Muito poderia dizer para provar que, aqueles que afirmam que a não aprovação da *regie* trará como consequencia a alienação a empresas particulares dos Caminhos de Ferro do Estado, se não estivessemos convencidos do valor da classe a que pertencemos para, no momento proprio, agir como for necessario para destruir ambições inofridas do capitalismo.

Conceda-se autonomia administrativa, de facto, aos Caminhos de Ferro do Estado e eles progredirão. Para isso, é claro, considero como questão essencial garantir ao pessoal direitos e regalias que hoje, infelizmente, estão demasiado á mercê de circunstancias a que não é extranha a reles *politiquice*.

ADRIANO MONTEIRO.

(Presidente da União Ferroviaria do Porto)

## Dos papeis velhos

Mayer Garção e Fernando Reis escreveram ha muito tempo *Os Vermelhos*. Mau não é remover os papeis velhos para, dêles, tirar ensinamentos e proveito. E' de *Os Vermelhos* este pequeno trecho que hoje reproduzimos:

«Mas que é a auctoridade?

É o poder reconhecido.

Vae desde o policia boçal, especado no melo da rua á espregia de multas, até ao ministro agloado com pasta e correio a trote. É uma convenção.

Tanto pode ser um homem, como uma cousa qualquer.

Representando o Capital e a Lei, é a força, porque tem o pão e o castigo.

Representando um homem, não é nada.

Recebe-se o pão em troca d'um serviço, admite-se o castigo na persuasão duma culpa.

Sucede, porém, que algumas vezes um homem não pode trabalhar, e daí, está impossibilitado de prestar serviços á Sociedade. Mas a Sociedade que foi afeita á luta não admite fraquezas. Porque a Sociedade, á semelhança de um batalhão, caminha a marchas forçadas, á ordem duma voz. Vae para a conquista do ouro.

Nesse caso o que fraqueja fica para traz e perde o sustento, quer dizer, as fraquezas pagam-se com a Vida.

Ha um crime resultante de uma injustiça social, ou duma degenerescencia de raça, — e a mesma Sociedade sem olhar aos motivos castiga o facto.

É logicamente que o faz? Sim.

Porque dentro da sua orientação não se reclama cerebro, exige-se braços.

Ora aí está o que é a lei fundamental da Sociedade —trabalhar para outros.

Pois a Auctoridade serve para zelar o cumprimento dessa lei.

# Notas irreverentes

Fudo se modificou neste malfadado país, desde os costumes á moral. Convencionou-se até, que havia varias modalidades de moral, — a do politico e a do homem.

Quanto a nós, temos a opinião de que a moral do politico tem de ser mais rigida para melhor se poder impôr á consideração e ao respeito de todos os seus concidadãos.

Com vista ao sr. Antonio Maria da Silva.

Tem-se descido muito.

Mais do que aquilo que o *après-la-guerre* explica.

Até já a policia, pelos seus funcionarios superiores, procede como qualquer rufia de viela suspeita, insultando e agredindo homens de bem porque no desempenho da sua profissão, e num direito que a Constituição lhes confere, exprimem opiniões que correm acerca da conducta moral de certos funcionarios que sendo discutíveis afecta o nome duma corporação que precisa estar acima de todas as suspeitas para garantia das pessoas que as circunstancias obriguem a ella recorrerem.

Parece que assim não entendem aqueles que para prestigio dos seus nomes e dos seus cargos deviam, *olhar com olhos de vêr*, para estes e outros casos.

Ha uma fauna misteriosa a infestar Lisboa, que, se houvesse policia, ousariamos chamar a sua atenção para ella.

Individuos sem modo de vida certo, e outros com modos de vida conhecidos, invadem os pontos de reunião, ostentando joias, fazendo uma vida cara, amantes luxuosas, que afrontam e ve-xam as mulheres de honra, sem se saber de onde lhes vem o dinheiro para esses gastos perdularios.

Alguns conhecemos nós que, pelos proventos das suas profissões, não podem fazer face a essas despezas, pelo que nos é licito recordar o adágio:

Quem cabritos vende . . .

Durante muito tempo discutiu-se um inquerito a fazer, ou não, ás grandes fortunas, criadas durante e depois da guerra. Os novos ricos eram objecto de graves e ridiculas censuras.

Porem, isso passou e nada se fez. Se fosse

viavel, nós requereríamos um inquerito aos novissimos ricos. Miseros e modestos funcionarios policiaes de ha meia duzia de dias, são hoje homens de dinheiro e proprietarios de automoveis.

Um amigo, perante a nossa extranheza, explicou-nos: Ha pessoas para quem o dinheiro é femea!

Segundo os tratadistas de direito constitucional, a ditadura em que o governo está vivendo, é uma ditadura ordinaria.

Ha muito que nós, sem pretensões a homens de lei, tinhamos formulado a opinião de que isto tudo em que o sr. Silva manda, é ordinario.

Simplesmente, o que é extraordinario, é que se tolere.

Chega até nós a informação de que a Camara Municipal resolveu adquirir quatro automoveis para o serviço da comissão executiva. Se assim é, entrámos positivamente no regime da loucura.

Então a Camara que ainda ha oito dias não tinha pago aos seus funcionarios por falta de verba, e que deve dezenas de contos aos fornecedores de artigos indispensaveis, vai agora gastar 120 contos em automoveis, para goso dos Almeidas. . . Santos? O que é isto? Onde vivemos? Na Calabria?

Não pode ser. A minoria tem de tomar uma attitude energica no Senado, evitando que essa porcaria seja sancionada.

Não ha que vêr. O partido democratico convenceu-se que o país era uma roça sua, e vá de dissipar à vontade os dinheiros da nação e dos municipios.

Sentem que a hora de finalizar o regabofe, não vem longe, e então vai de gosar sem vergonha e sem respeito pelos contribuintes.

E' faltar vilanagem. . .

O sr. da Silva, não contente em querer fazer dos negocios dos tabacos uma arma politica para concertar o repartido partido democratico, já tem outra na forja—as estradas.

Cautela, cautelinha!

O facto de se ter rido muito nas ultimas sessões do parlamento não quiere dizer que não venha ainda a chorar.

## O REPUBLICANISMO DA ACADEMIA

Conselhos aos escolares republicanos

Urge defender a Republica

Nesta ditadura infame que o P. R. P. impõe ao país, não obstante o protesto veemente das oposições parlamentares e da Nação, das *élites* dirigentes, em minoria, e da massa dirigida, em maioria, veem-se casos surpreendentes e incríveis.

Vê-se a Nação em peso protestar contra os escândalos e torpezas daquele partido, que vai collocando os seus apaniguados e sicários em chorudos lugares e fartas sinecuras, que vai deixando infiltrar-se no ânimo de todos a descrença no resurgimento moral e material da Pátria que vai permitindo que a reacção clerical comece a dominar de novo no país, impondo-se arrogante, que vai consentindo na monopolisação das actividades agrícola, industrial e commercial nas mãos da alta finança, que vai admitindo nos lugares publicos, como esteios das instituições os inimigos do Regime, etc., etc., numa cumplicidade evidente com todos os latrocínios cometidos durante o seu estágio no poder.

A situação é insustentavel, e não queremos prever as consequências duma reacção contra a acção governamental, reacção inevitavel.

Ora a propósito do gesto dos escolares republicanos do Porto publicarem um jornal que, nesta hora grave para a Patria, vem desmentir, em parte, a afirmação de que as academias portuguezas são monarchicas e reaccionarias, venho aqui lembrar aos estudantes Republicanos (com R) a necessidade d'uma acção politica activa e brilhante.

Em academias onde ha bençãos de pastas, ou na C. A. D. C., onde ha jornais e revistas reaccionarias, onde se ataca a Republica, é necessária a união e a luta.

A união de todos os republicados, olvidando os créditos partidários para melhor se resistir e atacar, para melhor se defender o Regime, e melhor se afirmarem os Principios Republicanos.

Fundar centros sem finalidade e sem acção, é desperdiçar energias inutilmente.

Urge defender os direitos e interesses dos estudantes republicanos.

Se os lugares e funções publicas, para o seu preenchimento, exigem um estado de republicanism, como explicar o acesso de monarchicos, os inimigos da republica, a esses cargos?

Teem todos eles atestados; mas que valor teem esses atestados, passados pelos administradores dos concelhos de suas terras, se os estudantes (diz-se dos de Coimbra, m.s., deye ser extensivel) são republicanos na terra, e monarchicos na Universidade?

E assim, o estudante que na Escola é mo-

nárquico, para ter as boas graças do professorado—quasi todo monarchico—, faz se republicano na terra, para contar, quando precisar, com o atestado de republicanism, com que irá concorrer aos lugares publicos, prejudicando assim os verdadeiros escolares republicanos.

Urge pois, defenderem-se estes porque tendo, como estudantes, identicos direitos, teem o orgulho de não usar de embustes, não se servindo de atestados menos verdadeiros.

E como nos cargos publicos só se veem, e só estão, monarchicos e inimigos da Republica (incluindo nestes os do P. R. P.)—salvas raras e honrosas excepções—que muito bem conhecem as ideias politicas dos concorrentes, são, por esse motivo, nomeados para os lugares em concurso—*independente de tudo, documentos e provas*—os amigos dos funcionarios anti-republicanos.

Engenheiros, diplomatas, medicos, militares, magistrados, professores, tudo, tudo, na maior parte, monarchicos, lezando, prejudicando, preferendo os verdadeiros e bons republicanos.

Mas, dirão, pretendemos: *Sciencia ancilla republicam*?

Não: porque tanto e tão bem podem saber os republicanos como os não-republicanos.

O que pretendemos é salvaguardar as instituições e mante-las, collocando, como seus esteios, funcionarios republicanos que sejam zelosos e respeitadores do Regime, fazendo cumprir a Lei e respeitar a Republica.

Só assim se conseguirá prestigiar, honrar e enobrecer a Republica e os seus principios, dignificar a Democracia.

Porque, sendo, exatamente, os monarchicos uma pequena minoria, convicta das suas ideias, ou por razões de sangue (aristocracia) ou por razões de interesses materiais (plutocracia), ou por razões de ambições do mando (oligarquia), ou por *snobismo* (parvocracia), o seu acesso aos cargos publicos tudo é, menos Democracia.

Sendo, pelo contrario, os estudantes republicanos os filhos do Povo, do bom Povo republicano e liberal Português, só eles é que formarão um governo e uma Republica democratica.

Urge, pois, os estudantes Republicanos unirem-se para combater o anti-republicanism, mas activamente.

Assim, se desfará a lenda de que as Academias não são republicanas, e se salvaguardam melhor os interesses, não só dos proprios escolares como, o que é mais importante, da Republica.

ESTUDANTE COIMBRÃO

# A descentralização administrativa

## O papel das Juntas de Freguesia

No nosso ultimo artigo dissemos que a Esquerda Democratica reclama um alargamento das funções das Juntas de Freguesia, uma larga e efectiva participação das camadas populares na administração da causa publica. De facto, sem isto não ha republica democratica. Mas dissemos tambem que a actual divisão das freguesias, dada a desproporcionalidade dos seus habitantes, contraria absolutamente qualquer plano de eficaz descentralização administrativa. Se dessemos a cada freguesia a base de 20.000 habitantes, como minimo de população, poderiamos ter em Lisboa umas 20 freguezias em vez de 43 que temos, mas seriamentão nucleos administrativos com possibilidades financeiras consideraveis, organismos capazes de viver em relativa autonomia administrativa.

Que papel assumiriam então as Juntas de Freguesia?

A policia de segurança (manutenção da ordem e guarda de haveres) e a policia administrativa (fiscalização dos serviços de higiene) deveriam estar a cargo das freguesias cada uma tendo o seu commissario respectivo. A acção policial seria assim mais eficiente e democratica do que com a actual centralização que tende sempre a militarizar a policia, como estamos vendo neste momento.

A administração da justiça para os pequenos delitos podia tambem ficar a cargo dum tribunal criado pela Junta de Freguesia facilitando a acção da justiça, tornando a mais rapida. A Junta de Freguesia deveria ter uma curadoria dos pobres, isto é, consultas juridicas gratuitas para os habitantes que delas carecessem nas questões de inquilinato e outras. Como fazendo ainda parte dos serviços de segurança, cada freguesia deveria ter organizados os seus serviços de incendio pelo sistema do voluntariado. Em cada Junta deveria haver uma repartição do registo civil. Os serviços estatisticos do censo da população devem fazer parte da Junta de Freguesia. Seria a maneira de torna los mais perfectos e mais rapidos.

Nos serviços de instrução popular poderiam as Juntas exercer uma acção muito profiqua. Assim, na promoção do melhor alojamento das escolas; no fornecimento ás crianças de alimentação, vestuario, calçado e materfal escolar; na organização dos auxilios farmaceutico e medico ás crianças, podia ela, a Junta de Freguesia, ter um importante papel. A Junta podia e deveria impulsionar a instrução profissional pela criação de oficinas, a instrução desportiva pela fundação de campos de jogos, e a educação ar-

tistica pela organização de academias musicais. Afóra a criação de cursos noturnos para adultos e de bibliotecas populares.

Na assistencia, o papel das Juntas de Freguesia seria mais acentuado talvez. Na verdade, neste terreno o seu esforço podia ser enorme.

A criação de creches, lactarios, maternidades e internatos para a primeira infancia; a organização de consultas medicas e postos de socorro cirurgico a regularização de socorro mutuo por freguesia no que respeita á doenca e á invalidez, a construção de fontenarios, balnearios, lavadouros, retretes e mictorios, eis outros tantos serviços a desempenhar pela Junta de Freguesia.

Do mesmo modo a construção de mercados para vendas de peixe, legumes e frutas; a construção de parques e jardins, a arborização de ruas e praças; a instituição de restaurantes economicos; a organização de cooperativas de consumo e de construção urbana, a reparação e conservação dos pavimentos, tudo isto estava bem confiado ás Juntas de Freguesia. São elas que melhor conhecem as necessidades das suas areas, em qualquer dos aspectos administrativas a que acima fazemos referencia.

Entretanto, as Juntas de Freguesia não teem hoje esses poderes como lhes foram prometidos no tempo da propaganda. E' lamentavel e todos nós devemos esforçar por que lho sejam concedidos.

Mas quer isto dizer que as Juntas de Freguesia não possam ainda iniciar desde já os seus trabalhos no sentido de tornar um facto as ideias acima expostas?

Nada disso. Deve e pode trabalhar-se desde já. Indicaremos como, no proximo artigo.

---

## IMPRESA

**Sempre Fixe**—A Empresa do «Diario de Lisboa» acaba de iniciar a publicação de um bi-semanario de caricaturas com este titulo. Embora não nos agrade o seu aspecto grafico, insere brilhante colaboração de Valença, Faria, Aprigio Mafra e outros. Era uma publicação que faltava. Desejamos-lhe grandes prosperidades.

**Vida Nova**—Em Coimbra iniciou a sua publicação este semanario defensor da politica da Esquerda Democratica que se apresenta bem redigido e pleno de fé.

Saudamo-lo.

# A greve geral inglesa

## e as suas consequências políticas

A batalha gigantesca que ha dez dias se vem travando na Inglaterra á na verdade um acontecimento singular. Seja qual fôr o desfecho da greve, e tudo indica que ella será um triumpho operario, só o facto das Trade Unions poderem lançar em greve 3.800.000 operarios, atesta exuberantemente a capacidade de organização e o espirito de decisão do proletariado inglez.

Façamos resumidamente a historia deste grandioso movimento grevista, duma magnitude tal que estava alem das previsões até dos mais optimistas:

Os mineiros ingleses tinham já uma baixa de salarios de 30 por cento em relação a 1913. A industria carvoeira inglesa que não está organizada em trustes poderosos mas dividida e fragmentada por mil proprietarios isolados não tem o conveniente apetrachamento moderno á semelhança do que succede na Alemanha e nos Estados Unidos.

Alem disso, sendo a exploração das minas inglesas muito antiga, o carvão encontra-se por vezes a enormes profundidades, o que torna a exploração menos rendosa. Por tudo isto desde 1921 o carvão inglez vinha sofrendo em todos os mercados uma concorrência triunfante dos carvões alemão e americano. Muitas minas inglesas tiveram de ser encerradas e 300.000 mineiros estavam sem trabalho.

Em Agosto do ano findo, vendo que a batalha se fá travar, e temendo-a, o governo cedeu á ameaça de greve e concedeu um subsidio de 20 milhões de libras á industria para que esta continuasse a pagar os antigos salarios, e nomeou uma comissão official para estudar uma solução. De facto, nos meados de Abril do corrente ano esta comissão apresentou o seu relatório que optava por uma redução dos salarios e repudiava a nacionalização das minas como reclamavam os mineiros. Esta solução, que não podia agradar aos mineiros não agradou tambem aos proprietarios de minas que queriam tambem o aumento da jornada de trabalho de sete para oito horas.

Emfim, o conflito estalou. Desde a meia noute de 30 de Abril, nem mais um mineiro desceu á mina. Mas os mineiros tinham obtido certos compromissos de apoio do restante operariado inglez, e no dia 3 do corrente, á meia noite a greve abrangia tambem os ferroviarios e demais transportes terrestres, fluviaes e maritimos, os trabalhadores das docas, a industria do ferro e do aço e uma parte da

construção civil. Emfim perto de 4 milhões de operarios! E' tudo? Não, ha ainda as segundas reservas que virão para a rua se assim fôr necessario, as industrias do gaz e electricidade, os correios e telegrafos, certos serviços publicos, etc.

É uma batalha gigantesca que ameaça não só a Inglaterra. Efectivamente, as Federações internacionais dos mineiros e dos transportes estão já dispostas a cooperar no movimento. A batalha torna-se internacional.

É inegavel que estamos em presença dum acontecimento que vai ter uma decisiva influencia na marcha da politica geral europeia. Com o triumpho dos Trade Unions toda a politica conservadora se afunda, não só na Grã-Bretanha mas em toda a Europa. A repercussão da greve inglesa tornará preponderante a acção dos grupos politicos que apoiam as reivindicações operarias e populares.

Será o abalo definitivo dos sistemas ditatoriais de Rivera e Mussolini, o advento do trabalhismo inglez ao poder mas apoiado por maioria propria, será o fortalecer do Cartel das Esquerdas em França. Emfim, o despertar das massas operarias e populares determinará uma evolução acentuada da politica no sentido esquerdista.

É então, ai das pretensões dos nossos fascistas, ai da politica de equilibrios e de expedientes do sr. Antonio Maria da Silva.

A hora das esquerdas vai soar. E não terão lugar na politica dos proximos anos senão aqueles que aberta e insofismavelmente estejam dispostos a satisfazer as legitimas reclamações das massas populares por tanto tempo ludibriadas.

\* \* \*

Depois de escrito este artigo communicou-nos o telegrafo a suspensão da greve geral. Este facto não altera os nossos vaticinios, por quanto não temos essa suspensão como uma derrota dos operarios. Estamos plenamente de acordo com o que escrevia hontem o nosso presado colega «A Tarde»

E porque esse é o nosso pensamento, reproduzimos com a devida venia:

«A greve geral na Inglaterra foi provocada como se sabe, por o Governo Inglez ter interrompido as negociações com os operarios. Agora

# NEGREIROS

O sr. Aurelio Neto, enfiando uma carapuça que não tinhamos motido na sua interessante cabeça, escreve-nos uma carta cuja publicação nos pede.

Porque aqui não foi citado o seu nome, nenhuma praxe jornalística nos obrigava a publicá-la. Fazemo-lo, porém, para que ela obtenha a merecida resposta:

«Sr. Director: O ultimo numero do seu jornal insere uma local em que, aludindo-se a um facto de natureza meramente particular e íntima, se pretende denegrir, ainda que veladamente, ao mesmo tempo que se exalta a honorabilidade dos senhores Filipe Mendes e Manuel Serras, a minha reputação como funcionario.

Devo dizer a V. sr. director, que nunca condicionei, nessa qualidade, as atenções que estão na minha alçada e que habitualmente dispenso no exercicio do meu cargo a todos quantos se me dirigem, a quaisquer interesses ou negociações. Nenhuma pessoa honesta que preze a sua dignidade, condição esta essencial para se saber respeitar a dos outros, poderá afirmar ou provar o contrario. Não sou rico. Tampouco estou ligado a quaisquer empresas ou negocios—o que é facil averiguar se.

O autor da local, abusando certamente de muita má fé da hospitalidade do seu jornal, não foi suficientemente esperto para que não deixasse bem á vista, focada na sombra de um anonimato cauteloso, a sua personalidade de parlatório emérito. Pelo alarido que ele faz, revelando tendências musicais para trombone de feira, dir-se-ia, ao vermo-lo assim tão descomposto e tão «emigratorio» em suas palavras e gestos, que o que ele pretende é apenas evidenciar-se não só para reverenciar Filipe de Macedónia, seu amo e senhor, mas muito principalmente, e aqui é que bate o ponto, para que todos saibam que ha em Bucelas uma miraculosa adega, cujas pipas, em vez do capitulo branco, deitam por artes de berliques e berloques, ao abrir-se-lhes as torneiras, diplomas de deputados. E é este pimpólho, cheio de audácia e petulância, que chama Catão aos outros e se permite a liberdade de lhes dar lições de republicanismo?! Quando o pimpólho era apenas, não gente, mas um simples e invisível espermatozoide em embrião, já nós davamos á Republica, que era então uma aspiração de ideologistas, o concurso da nossa fé e do nosso esforço,

haurindo no exemplo paterno uma linha de conduta politica da qual já mais nos afastamos.

Não é verdadeiramente republicano quem anda pelas antecamaras ministeriais, de rastos, subservientemente, a mendigar condecorações e portarias de louvor! Não é republicano quem pertilha e aceita manigancias eleitorais bem piores que as do Peral, dos tempos da monarquia! A qualidade de republicano exige convicções honestas e firmes. Acima das ilegítimas necessidades de estomago comuns a todos os profissionais do videirismo politico, estão as ideias os princípios, aqueles actos que traduzem independencia e inteireza de character. Só estes nobilitam os homens. E' por eles, e só por eles, que se aquilata da sua sinceridade, que se avalia a firmeza das suas convicções.

Para o cuspicio pimpólho, autor da tal local, esta «musica» é levadinha da bréca. Tem picos! Mas no que ela não teve embaraços, nem picos, foi em tiliar-se no Partido Democratico, ao qual votou em tempo um odio de morte. Ainda ha pouco, mesmo, o arrastava pelas ruas da amargura, zagnuchando-o com ironias adrede estudadas, para se dar ares, deante de quem o escutava, de um politico eminentemente superior, cujas opiniões eram indiscutíveis e de exactidão infalível, — Mudou de rumo, agora. Estar com quem está de cima, é sempre bom, tem as suas vantagens, e... e não ofende a Deus. Ele que procedeu assim, lá sabe as razões porque o fez!

Mas não é catão. Isso sim! E' apenas o que é — para governo seu e maior gloria de seus pares!

E' esta a minha resposta—dada num momento em que os meus olhos numa fuga espirital, se vão de longada ás «serras» de Portugal em busca de emoções pitorescas que me deem alento para ouvir, agora e sempre complacientemente, o musical batuque de certos zoilos que para aí andam aos pinotes e que não logram fazer-se aplaudir.

E com o meu melhor agradecimento, desculpe-me sr. director, o espaço e tempo que lhe roubei.

De V. etc.

*Aurelio Neto.*

No nosso proximo numero publicaremos outra carta que nos foi enviada pelo sr. Antonio Soares.

porém, segundo as ultimas noticias, a greve geral termina em virtude de o Governo Inglez estar de novo disposto a entrar em negociações e a procurar um entendimento com as empresas mineiras.»

«Pode considerar-se virtualmente a greve terminada, e satisfeitas na sua maior parte as reclamações dos operarios. A verdade é que antes da suspensão da greve deram-se algumas entrevistas com entidades officiais e o «Comité» da greve. Foi pode dizer se, uma verdadeira negociação a da interrupção do movimento de greve geral. Nestas condições é licito supôr que aos grevistas foram previamente dadas garantias de que os objectivos seriam atingidos, sendo pre-

ciso, porém, que primeiramente regressassem ao trabalho.»

«As negociações que agora se vão fazer serão apenas uma formalidade, pois o principal já deve estar tratado. Quanto ao prestigio do poder, que o Governo procurou assegurar obtendo a volta ao trabalho antes da decisão do conflito, não deixa de ter sofrido alguma coisa com o facto de se ter mantido até á greve uma attitude irreductível por parte do Governo, e agora voltar a negociar com os grevistas. Fica-se assim sabendo que foi a politica intransigente dos conservadores que provocou uma greve que se podia ter evitado no interesse da Inglaterra e tantos outros países que veio prejudicar.»



## O Dr. X

*Tinha feito um curso.*

*Da escola primaria, recomendado pela ueharia do pai, que untava os professores e inspectores com chouriços, presuntos e paios, sacados cautelosamente ao baleão no peso que roubava à freguesia que, sollicita, lhe procurava a loja para ter facilidades nos desarriscos no paroquia e nos atestados que, em letra grossa, passava na qualidade de regedor eleicoiro, o Dr. X atravessou do liceu para a Universidade de Coimbra, onde se formou em direito, sem nunca ter deixado de se fazer acompanhar de recomendação sempre proporcional à evolução economica e financeira do pai.*

*Os chouriços, os presuntos e os paios foram successivamente substituidos por presuntos de outra natureza que se não eram arrancados ao baleão que o pai deixara para não deslustrar a posição do filho, futuro doutor, não deixavam de ser extorquidos visto que em troca da galopinagem dos seus serviços, exigia sempre qualquer compensação*

*O dr. X foi educado pois sob estas bases comodistas da vida portuguesa: espirito pratico de vender, comprando, e de sublr, às costas alheias, sem esforço de trabalho e de inteligencia.*

*Para completa felicidade, dispunha o Dr. X de uma facultade inerente, quasi sempre, aos espiritos desencansados — dispunha de uma memoria prodigiosa. Assim, não seria capaz de deduzir o mais comesinho raciocinio, mas ninguem como ele, era capaz de decorar a sebenta, repetindo com a consciencia da memoria e a inconsciencia da ignorancia, os erros que a revisão deixara passar.*

*Mas venceu e ei-lo doutor e pronto a terçar armas contra os partidos da opposição daquelle que ainda não escolhera, por não saber qual lhe garantia melhores proventos.*

*Para mais, o pai, vendo as coisas tortas e a monarquia periclitante, sem deixar de ser irmão do Senhor dos Passos, à cautela, tinha-se feito inscrever como socio do Registo Civil, como possivel aderente ao livre pensamento.*

*Sob a influencia politica do baleão se foi desabrochando a competencia do Dr. X, enaltecida pela grande imprensa, que por baixo da sua petulante figura estampada, nos diarios, em todas as posições, desfiava o estafado rosario de louvaminhas, buscando cada partido acorrenta-lo ao altar da sua igrejainha.*

*Era ver então o estorrecimento com que era ouvido quando, em conferencias publicas, dissertando sobre economia, repetia, repetia sempre, as formulas estafadas dos cartapaceos seculares, sobre o poder de compra e facultade de venda, e sobre as leis de procura e de oferta, bases em que enquadrava todo o sistema economico e social, incluindo o minimo alimento que o operario poderia comer, sem cair, e o máximo que o burguês podia ingerir sem consequencias de caizão de chumbo em urna de mogno. E assim foi*

## Um masmarro

Escrevem-nos:

«Na vila de Caria (Beira-Baixa) existe um masmarro puramente jesuita, cheio de virtudes. Alem de ser ignorante e atrevido temos a registrar-lhe entre outras as seguinte:

1.º Numa questão conjugal desempenhou três papéis: 1.º Interessou-se por um sujeito que meteu a ruina neste casal; depois pediu um castigo para este mesmo sujeito e ultimamente pediu misericórdia para este mesmo sujeito.

2.º Com as suas cantigas jesuiticas fez a desgraça duma infeliz orfã de pai, do que em tempo competente prestará contas.

3.º É padre e curandeiro, o seu atrevimento e ignorância leva-o a auscultar doentes.

4.º Estando para se dar um divorcio, teve o desplane de consolar a canjuge com a seguinte frase: «bem cedo você atira com os aparelhos ao ar».

5.º É alcoviteiro e contrabandista de meninas para diversas casas religiosas.

6.º É desrespeitador das leis da Republica, fazendo propaganda contra a lei da separação da igreja do estado, fazendo vêr que só o casamento, enterro e baptisado religioso são validos, aconselhando as mulheres casadas civilmente a imporem aos homens o casamento religioso ou a abandonarem-nos caso estes não queiram obedecer-lhes.

7.º Abusa das leis da Republica fazendo missões noturnas e mandando tocar os sinos para estas missões.

8.º Ameaça a musica local de excomunhão caso toque em festas civicas, não consentindo que toque em atos religiosos e isto para ele só papar o que os ignorantes dão.

9.º Não quiere que as missas sejam cantadas por homens, só quiere ser cantorolado por gentis senhoras,

10.º Todas as suas práticas terminam por pedir dinheiro aos crentes, tendo mais vocação para moço de cego do que para ministro de Cristo.

11.º É do feito do corvo pois onde sabe que há um doente vai logo ver se está em condições de apañhar os cobres do enterro; não vai levar esmolos aos que precisam.

12.º É tão ignorante que diz que hade endireitar este povo.

Por hoje vão estes doze mandamentos, prometendo quem isto escreve mandar mais para ver se assim pode conseguir a excomunhão que tanto ambiciona, não fazendo questão de preço, para conseguir esta subida honra e bela mercadoria.

Até breve!

X.

que se fez ou o fizeram ministro de finanças, mas contrariamente ao que repetira, ao que encaixara na curta inteligencia, não conseguiu obter para si o poaet de venda — ninguem o quis comprar, por mais que se oferecesse, nem mesmo para fazer serviço de Cactilhas á Cova da Piedade.—ANTONIO NORMANDO

## Fotografias do sr. dr. José Domingues dos Santos

Na administração de **A Choldra** recebem-se pedidos para o envio de belas reproduções de uma fotografia do **leader** da Esquerda Democratica que

**TODO O ESQUERDISTA DEVE POSSUIR**

Basta enviar **1\$50** para cada fotografia para receber na volta do correio.

Aos nossos assinantes

Em breve A) CHOLDRA publicará as gravuras de valiosos prêmios destinados aos nossos leitores que maior numero de assinantes angariarem

*Ler o proximo numero*

*Damião & C.<sup>o</sup>*

Specialidade em chapéus, faldas e vestidos para senhoras

CASA UNICA NO GENERO

57, Rua Garrett, 57

LISBOA

PAPEIS DE FUMAR

Os melhores papéis do mundo

**ZIG-ZAG**

Double, Simple, Alcatraz, Ambrás,  
Ponta decorada, Ranzos

ACABAM DE CHEGAR

Pedidos à

**CASA HAVANEZA**

124 e 124, Rua Garrett — LISBOA